

A VIAGEM DA QUARESMA

1- O COMEÇO: O GRANDE CÂNONE

É importante voltar agora à idéia da Quaresma como peregrinação espiritual, cujo sentido é de nos transferir de um estado espiritual a outro. Muitos ignoram esse objetivo e consideram a Quaresma apenas um período onde “é obrigatório”, cumprir um “dever”, religioso - a comunhão anual - e onde há restrições alimentares que serão rapidamente substituídas pela liberdade do tempo pascal. E como muitos leigos e padres adotaram essa visão simplista e formalista da Quaresma, seu verdadeiro espírito quase desapareceu da vida. É urgente cumprir a restauração litúrgica e espiritual da Quaresma, mas ela só pode se realizar se tivermos uma compreensão autêntica do ritmo e da estrutura desse tempo.

No começo da Quaresma, como que para inaugurá-la, encontramos o grande “Cânone penitencial de S. André de Creta”, como o diapasão que dará o tom a toda a melodia. Dividido em quatro partes, ele é lido nas Grandes Completas, na noite dos quatro primeiros dias da Quaresma. O melhor que pode se dizer é que ele é como uma lamentação penitencial, que nos dá a extensão e a profundidade do pecado, e que sacode a alma de desespero, arrependimento e esperança. Com uma arte excepcional, S. André entremeia a confissão dos pecados e o arrependimento com os grandes temas bíblicos: Adão e Eva, o Paraíso e a Queda, os Patriarcas. Noé e o Dilúvio, David, a Terra Prometida e finalmente Cristo e a Igreja. Os acontecimentos da história santa se revelam como acontecimentos da minha vida; os gestos de Deus no passado, como atos que me concernem, eu e minha salvação; a tragédia do pecado e a traição, como minha tragédia pessoal. Minha vida é mostrada como fazendo parte desta luta gigantesca e universal entre Deus e as potências das trevas que se revoltam contra Ele.

O Cântone começa por essa nota profundamente pessoal:

"Por onde começarei a deplorar as ações da minha vida miserável, Ó Cristo? Quais serão os primeiros tons desse cântico de dor?..."

Um após outro, meus pecados se revelam em sua relação profunda com o persistente drama da relação do homem com Deus; a história da queda do homem é a minha história:

"... manchei a vestimenta da minha carne, sujei a imagem e semelhança de Deus. ... Deixei em trapos minha veste primitiva que me havias tecido, Ó meu Criador, e desde então eis-me jazendo na nudez!..."

Assim, durante quatro noites consecutivas, as nove Odes do Cântone me recontam a história espiritual do mundo, que é também minha história. Eles me confrontam com os fatos e atos decisivos do passado cujo significado, no entanto, é eterno, porque toda alma humana - única e insubstituível - atravessa, por assim dizer, o mesmo drama, descobre a mesma realidade suprema.

Os exemplos escriturários são muito mais do que simples “alegorias”, como pensam muitos, que conseqüentemente consideram o Cântone carregado demais. Porque, perguntam, falar de Caim, Abel, David e Salomão, quando seria tão mais simples dizer: Pequei? Mas o que eles não compreendem é que a palavra “pecado”, tem, na tradição bíblica e cristã, uma profundidade e densidade que o homem moderno é incapaz de compreender e que faz da confissão de seus pecados algo muito diferente do

verdadeiro arrependimento cristão. A cultura em que vivemos e que modela a nossa Visão do mundo, na verdade exclui a noção de pecado. Porque se o pecado é antes de tudo a queda do homem de uma altura eminentemente elevada, a rejeição pelo homem desta “alta-vocação”, que significa terá no quadro de uma cultura que ignora e nega essa “altura” e essa “vocação”, que define o homem “por baixo”, uma cultura que, mesmo quando não nega Deus abertamente, é de fato totalmente materialista, ignorando a vocação transcendente do homem? Neste contexto, o pecado é visto como fraqueza natural, fruto de uma “inadaptação” com raízes sociais e que pode ser eliminado por uma melhor organização econômica e social. E por isso que o homem moderno, mesmo quando confessa seus pecados, não se arrepende mais; do jeito que ele compreende a religião, ou ele enumera formalmente as transgressões, ou divide seus “problemas” com o confessor, esperando da religião um tratamento terapêutico. Mas em nenhum caso o arrependimento e o choque que o homem toma ao ver, em si mesmo “a imagem da glória inefável”, apercebendo-se de que sujou-a, rejeitou-a e traiu-a na sua vida; em nenhum caso, trata-se de um lamento que soa no mais profundo da consciência humana, em nenhum caso é um desejo de retorno, um abandono ao amor e a misericórdia de Deus. Assim, não basta dizer “eu pequei”; esta confissão só tem sentido se o pecado é compreendido e vivido em toda sua profundidade e tristeza.

É justamente o papel do Grande Cântico revelar-nos o pecado, e conduzir-nos assim ao arrependimento; e isto não por definições e enumerações, mas por uma profunda meditação na história bíblica que é, de fato, a história do pecado, do arrependimento e do Perdão. Essa meditação nos introduz em um mundo espiritual diferente; propõe-nos uma outra visão do homem, de sua vida, objetivos e motivações. Ela restabelece em nós a armadura espiritual fundamental no interior da qual o arrependimento torna-se novamente possível. Quando por exemplo, nós escutamos:

“Não imitei a justiça de Abel, Ó Jesus! E não Te ofereci dons agradáveis, nem nenhuma obra de Deus, nem sacrifícios puros, nem uma vida irrepreensível...”

Compreendemos que a história do primeiro, mencionada tão brevemente na Bíblia, nos revela algo essencial sobre nossa própria vida e sobre o próprio homem. Compreendemos que o pecado é antes de tudo a recusa da vida enquanto oferta e sacrifício a Deus ou, em outras palavras, a recusa da orientação divina da vida: compreendemos que o pecado é, então, em suas raízes, o desvio de nosso amor para longe de seu Fim supremo. E essa revelação que nos permite então dizer:

“Enchendo de vida o pó, tu me concedeste, Ó Criador, carne e ossos, e Tu me animaste de um fôlego de vida!”

“Hoje, Ó meu Redentor e meu Juiz, aceita minha penitência”

Para se entender bem o Grande Cântico, é preciso ter uma certa compreensão da Bíblia, e aderir à meditação que ele nos proporciona sobre o sentido que esta Bíblia tem para nós. Se hoje em dia muitos a acham chata e sem interesse, é porque sua fé não é alimentada pela fonte das santas Escrituras que, para os Padres da Igreja, era a fonte da fé. Devemos reaprender a penetrar no mundo tal como a Bíblia o revela, e também reaprender como viver nele; não há melhor via para entrar neste mundo do que a Liturgia da Igreja já que não somente nos transmite os ensinamentos bíblicos, mas justamente nos revela o modo bíblico de viver.

A Viagem da Quaresma começa então por um retorno ao “Ponto de Partida”; o mundo da Criação, da Queda, da Redenção, o mundo no qual tudo fala de Deus, reflete sua glória, onde todos os fatos existem com relação a Deus e onde o homem encontra a verdadeira dimensão de sua vida, e tendo-a, encontrado, arrepende-se.